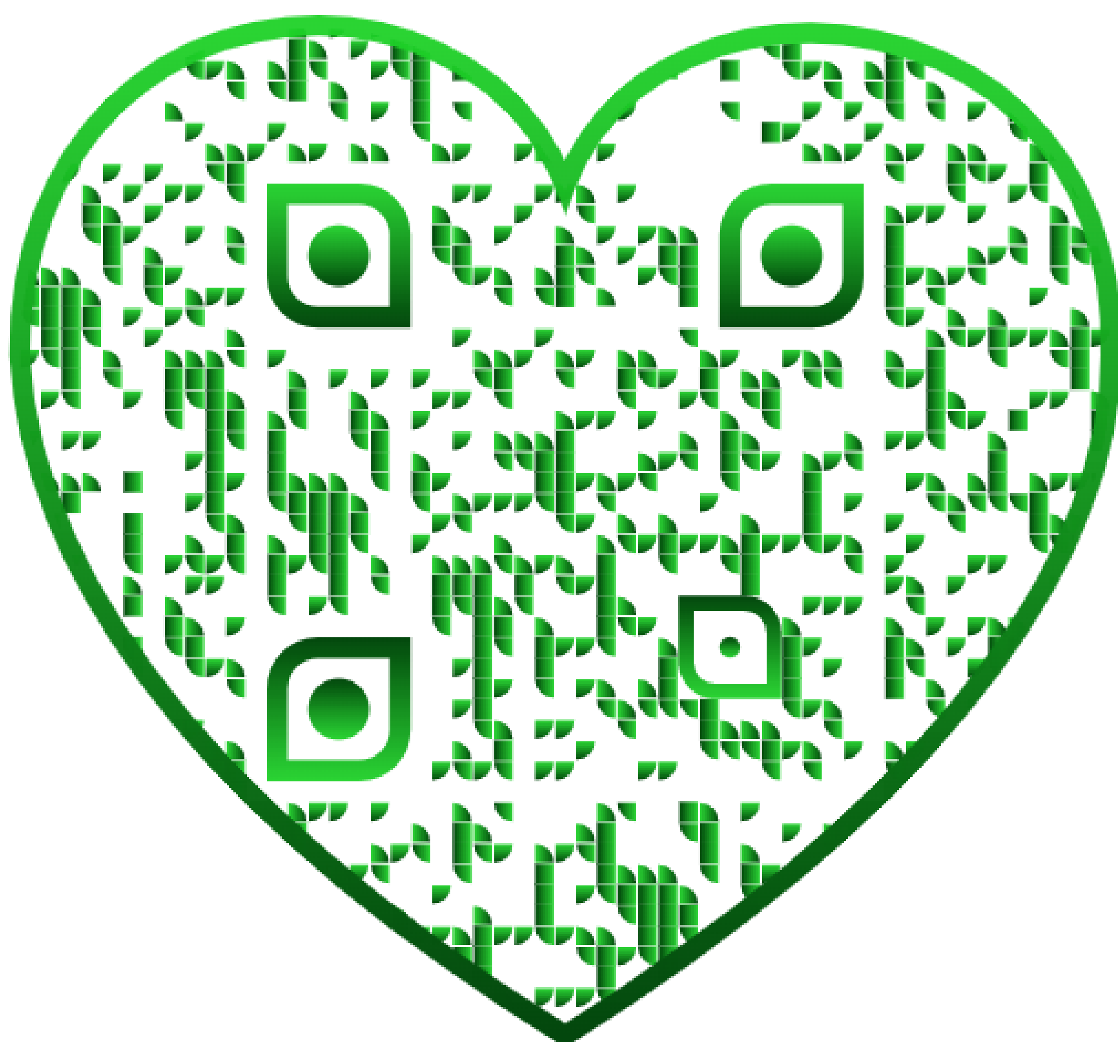
CONTOS DE ANDERSEN

A PEQUENA SEREIA

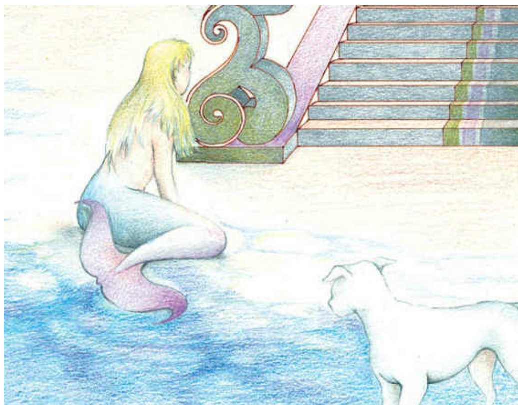


MELHORAMENTOS



CONTOS DE ANDERSEN

A PEQUENA SEREIA



MELHORAMENTOS


FNLIJ
ALTAMENTE
RECOMENDÁVEL



Longe, bem longe, nas profundezas do mar, a água é de um azul intenso, mas muito clara e transparente. No local mais profundo ficava o palácio do Rei do Mar. Ele era viúvo havia muitos anos, e sua velha mãezinha cuidava de tudo na casa.

O rei tinha seis filhas, as princesinhas do mar, uma mais linda que a outra. Contudo, a mais nova era a mais bela. Sua voz suave e afinada encantava a todos que a ouviam. Seu corpo, assim como o de suas irmãs, terminava num rabo de peixe.



Durante todo o dia as princesas brincavam no palácio, onde flores cresciam nas paredes. As grandes janelas ficavam abertas para que os peixes pudessem entrar e sair. Eles nadavam até as princesinhas, comiam em suas mãos e

deixavam-se acariciar.

A avó das princesas gostava de contar histórias, e as de maior sucesso eram as que falavam do mundo dos humanos.

A Pequena Sereia era a que mais gostava de ouvir histórias sobre o mundo dos humanos.

– No seu décimo quinto aniversário – prometeu a velha rainha – você poderá nadar até a superfície.



As irmãs da princesa subiam à superfície quando completavam quinze anos. Quando voltavam, contavam tudo o que viam. As luzes das cidades, as torres das igrejas, os pássaros voando em

bando, as crianças nadando na praia, as casas rodeadas de árvores carregadas de frutos. O céu estrelado nas noites de lua, os golfinhos dando cambalhotas e as baleias esguichando água como chafarizes. No inverno, o céu ficava escuro e icebergs de todas as formas vagavam no mar sem fim.

Um dia, finalmente, a princesa mais jovem completou quinze anos. Chegara o momento de ver aquelas maravilhas!

A velha rainha, sua avó, colocou uma grinalda de lírios brancos em sua cabeça, e a sereiazinha acenou alegremente enquanto subia à superfície.



Chegando à superfície, a Pequena Sereia avistou um grande navio, onde se realizava uma festa. O convés estava tão bem iluminado que ela viu um jovem príncipe. E como ele era bonito! Inesperadamente, começou uma terrível

tempestade! Relâmpagos rasgaram a noite, as águas encresparam, e o navio sacudiu de um lado para outro. Até que seu grande mastro se partiu e a embarcação começou a afundar. Nesse instante, a sereiazinha avistou o Príncipe sendo jogado entre as ondas sem conseguir nadar. Ela o alcançou e, erguendo a cabeça do rapaz acima da água, deixou que o mar o levasse para perto da praia.

Quando amanheceu, a Pequena Sereia nadou até a praia e deitou o Príncipe sobre a areia. De repente, sinos de uma

igreja próxima repicaram e várias garotas correram para a praia. A sereiazinha se escondeu e viu quando uma delas encontrou o Príncipe na areia. Nesse momento, ele abriu os olhos e sorriu para ela. As jovens o levaram embora, e a sereiazinha voltou para o palácio.



A partir daquele dia, a sereiazinha se tornou triste e quieta. Às vezes nadava pelo mar até o local onde tinha deixado o Príncipe. Mas não o viu mais.

Certo dia, ela não aguentou o

sofrimento e contou tudo a suas irmãs.

– Venha, irmãzinha! – disseram as princesas. Abraçadas, elas emergiram em frente ao castelo do Príncipe.

Depois que a sereiazinha ficou sabendo onde o Príncipe morava, voltava sempre ao castelo e conseguia vê-lo de longe. Estava feliz por ter salvado a vida dele, mas ao mesmo tempo estava triste, porque o Príncipe não sabia da sua existência.



A Pequena Sereia começou a gostar cada vez mais dos humanos. Decidiu, então, falar com sua avó, que lhe explicou que os humanos tinham uma alma imortal. Depois da morte, essa alma subia em direção às estrelas e seguia para

lugares maravilhosos e desconhecidos, que o povo do mar nunca veria.

– Por que nós não temos uma alma eterna? – perguntou a Pequena Sereia. – Eu daria os meus trezentos anos de vida por apenas um dia entre os humanos e a chance de conhecer esse mundo celestial! O que eu posso fazer para ganhar uma alma eterna, vovó?

– Só existe um modo – respondeu a senhora. – Se um homem se apaixonar por você.

A princesinha sorriu, pensando em seu príncipe.

– No momento em que se casarem – continuou a avó – a alma dele fluirá para o seu corpo, e você ficará plena de felicidade. Ele poderá lhe dar uma alma e ainda manter a própria... Mas é melhor você esquecer. Podemos nadar e nos divertir por trezentos anos. Lembre-se de que hoje temos um baile no palácio!



Contudo, enquanto os outros dançavam, a sereiazinha saiu do palácio e foi em direção à casa da bruxa do mar. Embora aquilo fosse perigoso, ela estava disposta a arriscar tudo para realizar o

desejo de seu coração. No caminho havia uma estranha floresta, onde árvores com galhos finos e compridos tentavam agarrar tudo o que por ali aparecia. Depois de enfrentar muitos perigos, finalmente ela chegou à clareira onde ficava a casa da bruxa do mar.



– Eu sei muito bem o que você quer – disse a bruxa. – É um erro seu. Mas vou ajudá-la assim mesmo, porque isso lhe trará infelicidade. Você deseja que o Príncipe se apaixone por você para que consiga uma alma eterna? Pois então vou

lhe preparar uma poção mágica que você deverá beber na praia antes do nascer do Sol. Seu rabo de peixe se dividirá em dois, transformando-se em pernas. Mas saiba que essa mudança será dolorosa e que, depois de assumir a forma humana, você não poderá mais voltar a ser sereia. E, se você não conseguir conquistar o amor do Príncipe, não ganhará sua alma eterna.

Mesmo assustada, a princesinha continuou a escutar a bruxa.

– Na primeira manhã após ele se casar com outra, seu coração vai se partir e você se tornará espuma nas ondas do mar. É claro que terá que pagar por isso.

Eu quero o que você tem de melhor: a sua voz.

E assim foi feito. A pobre sereiazinha não podia mais falar nem cantar.





Quando anoiteceu, ela chegou à praia. Bebeu então então a poção ao luar e desmaiou de dor. Ao nascer do sol, ela acordou sob o olhar fixo do Príncipe. No

lugar do rabo de peixe havia duas belas pernas.

O Príncipe perguntou quem era ela, mas a sereiazinha apenas o olhou com tristeza. Suas pernas doíam, mas ela conseguiu subir as escadas do palácio com muita graciosidade, e todos a admiraram. Depois, foi vestida com os tecidos mais finos e luxuosos da corte.

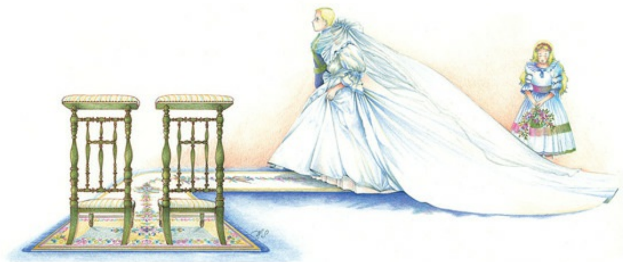


Ela recebeu permissão para, de noite, dormir junto à porta do quarto do Príncipe. De dia cavalgavam pelas florestas e escalavam montanhas. À noite, ela refrescava seus pés em brasa na água fria do mar. E continuou a fazer isso

durante muitas noites. Nessas horas, ela pensava em sua família no fundo do mar.

– Você é a pessoa mais adorável que já conheci – disse-lhe o Príncipe. – E me lembra uma garota que vi certa vez, quando fui trazido à praia após o naufrágio. Aquela garota salvou minha vida e é a única que eu poderei amar em todo o mundo.

"Ele não sabe que fui eu quem salvou sua vida", pensou a sereiazinha. "Eu vi a garota que o encontrou, que ele ama mais do que a mim. Mas, pelo menos, agora estou aqui e vou devotar minha vida a ele."



Um dia o rei anunciou que o príncipe deveria se casar. Ele iria desposar a filha de um rei vizinho, e um grande navio foi equipado para a viagem. A sereiazinha foi convidada para viajar com eles.

– Meus pais querem que eu me case com essa princesa – disse ele à Pequena Sereia. – Mas nunca poderei amar outra

mulher a não ser a garota que salvou minha vida, e acho que jamais a verei novamente. Se devo me casar, preferia que fosse com você, minha amiga.

E, assim, o navio partiu em direção ao reino vizinho. Na manhã seguinte, quando chegaram à cidade, os sinos da igreja repicavam para saudar o Príncipe.

Quando a Princesa surgiu, o Príncipe, maravilhado, exclamou:

– É você! Foi você quem me salvou quando naufraguei. Meus sonhos se tornaram realidade.

Ele virou-se para a sereiazinha e

completou:

– Tenho certeza de que você vai compartilhar da minha felicidade, pois ninguém me ama como você.

A pequena sereia beijou a mão do Príncipe, mas sentiu o coração se despedaçar. O casamento dele significava a morte para ela.

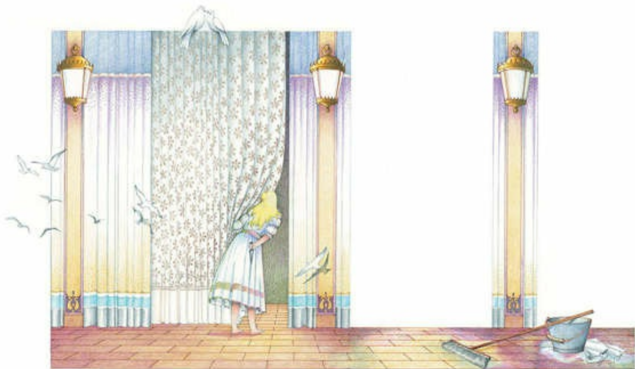


Depois da festa, os noivos se recolheram. Fez-se silêncio. A sereiazinha encostou-se na amurada e olhou na direção da alvorada. Ela sabia que os primeiros raios de sol a matariam. Então ela viu suas irmãs aparecerem no

mar. Seus longos cabelos tinham sido cortados.

– Oferecemos nossos cabelos para a bruxa do mar, para que você não precise morrer esta noite – disseram as sereias. – A bruxa nos deu uma faca. Antes do amanhecer, você deve enterrá-la no coração do Príncipe e, quando o sangue dele atingir seus pés, você se tornará novamente uma sereia e viverá seus trezentos anos. Depressa! Um dos dois deve morrer. Mate o Príncipe e volte.

As princesas jogaram a faca a bordo e desapareceram entre as ondas.



A faca tremeu na mão da Pequena Sereia. Ela espiou pela cortina dos aposentos dos noivos. Pela última vez, a sereiazinha olhou para o rosto do príncipe adormecido. Voltou para a amurada e atirou a faca ao mar. As ondas

tornaram-se vermelhas. Depois ela se jogou na água.

O sol nasceu. Seus raios eram quentes e gentis sobre a espuma mortalmente fria do oceano. A sereiazinha não sentiu a morte.

Ela viu centenas de espíritos dançando sobre ela. Suas vozes eram tão melodiosas que ouvidos humanos não conseguiam ouvi-las, assim como os olhos humanos não podiam ver os espíritos. Eles não tinham asas, mas mesmo assim flutuavam alegremente no ar. A sereiazinha ergueu-se da espuma, e seu espírito juntou-se aos demais.



– Aonde estou indo? – perguntou. Sua voz era doce como a das almas.

– Aos céus, com os espíritos do ar! – responderam as almas. – Você não possuía alma, mas, como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe

amar e se doar. Nós voamos pelo mundo soprando uma brisa fresca nas pessoas que sofrem. Espalhamos aroma de flores pelo ar e o levamos a quem necessita. Após termos feito todo o bem que nos foi possível fazer por trezentos anos, conquistamos uma alma eterna.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o Príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas. Invisível, ela beijou o Príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem

rosa que passava e começou sua jornada.

EDIÇÃO REVISADA CONFORME ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

TRADUÇÃO: Antonio Carlos Vilela
ILUSTRAÇÕES: Hubert Sergeant
PROJETO GRÁFICO DA CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Estação Design
CONVERSÃO EM EPUB: {kolekto}

Publicado originalmente por:
© 2001 Scandinavia Publishing House

Direitos de publicação:
© 2004, 2013 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, setembro de 2014
ISBN: 978-85-06-07615-6 (digital)
ISBN: 978-85-06-06880-9 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br

